

NASCIDO EM TIDEWATER, na Virgínia, no dia 11 de fevereiro de 1732 (segundo o velho calendário), George Washington era bisneto de John Washington, um imigrante vindo de Northampton, Inglaterra, em 1657. O pai de George, Augustine Washington, era plantador de tabaco, também “conhecido pela aparência nobre e as proporções viris”. Sua mãe, Mary Bell, ficou viúva quando Washington completou 11 anos. Com a difícil situação da família, ele teve pouca educação — apenas sete ou oito anos de aprendizado com um professor particular, nenhum estudo de latim ou grego, ou de direito, como foi o caso de tantos patriotas eminentes da Virgínia — e, como os mais chegados sabiam, ele tinha plena consciência disso.

Por meio de uma dedicação tenaz, aprendeu a escrever de forma firme e clara, e a exprimir-se no papel com energia e limpidez. Aprendeu a dançar — na Virgínia as pessoas gostavam de dançar, e ele não era exceção — e também a comportar-se com modos e polidez impecáveis na sociedade elaboradamente cortês da época. (Dentre as *110 regras da Civilidade e do Comportamento Decente em Companhia e Conversação*, que ele copiou laboriosamente quando ainda menino, a Regra N^o1 dizia: “Toda ação feita em companhia de outros deve ter um certo sinal de respeito pelos presentes”.) Gostava de festas e, em particular, da companhia de mulheres bonitas. Como se dizia dos oficiais britânicos, ele “gostava de um copinho, de um namorinho, de um joguinho”. Embora o jogo jamais fosse para ele uma obsessão, era na realidade para muitos de seus equivalentes no lado britânico.

O grande professor de Washington foi a experiência. Com 16 anos, partiu para abrir seu caminho no mundo, como aprendiz de supervisor numa expedição à selva da Virgínia Ocidental, sobre as montanhas Blue Ridge. Com o decorrer dos anos, conseguiu permanecer por mais tempo

naquelas remotas regiões, além do Blue Ridge, do que em Tidewater. Além disso, ser supervisor mostrava-se altamente lucrativo.

Em 1753, com 20 anos, foi mandado pelo governador da Virgínia para a selva, no oeste da Pensilvânia, para enfrentar as reivindicações francesas no vale do rio Allegheny. A publicação do diário que escreveu sobre a aventura, *The Journal of Major George Washington*, tornou a sua coragem e criatividade conhecidas em todas as colônias, e também na Europa. Um ano depois, em seu primeiro posto de comando, a inexperiência e um precário senso de avaliação levaram ao seu famoso confronto com as tropas francesas e indígenas em Great Meadows, no mesmo recanto remoto do oeste da Pensilvânia — no curto e sangrento incidente na floresta ocorreu a primeira derrota sofrida por Washington, e que desencadeou o conflito que, finalmente, veio a envolver tantas partes do mundo.

“Eu ouvia o assobio das balas; e, creiam-me, tem qualquer coisa de fascinante naquele som”, escreveu, numa carta que mais tarde foi publicada no *London Magazine*, e que poderia ser entendida como a bravata de um jovem inexperiente; mas, como se verificou, ele era um desses raros homens que, mesmo sob fogo cruzado, não sentem medo algum.

Como um oficial de província lutando contra o exército britânico, na derrota do general Edward Braddock, no oeste da Pensilvânia, ele demonstrara uma legítima coragem sob fogo cruzado, e uma acentuada capacidade de liderança. Se, como jovem oficial, às vezes podia parecer ambicioso, de um modo evidente e desagradável, há muito já havia superado isso. Em 1759, sentindo-se menosprezado por causa do seu desejo de obter uma comissão real, ele se “retirou”, com 27 anos, para uma vida de agricultor na Virgínia, casando-se, naquele mesmo ano, com Martha Dandridge Custis, de Williamsburg, uma atraente viúva, extremamente rica, com dois filhos, aos quais dedicou total devoção. As crianças, John Parke Custis e Patsy, sempre foram tratados como se fossem de fato suas. Na verdade, uma das grandes tragédias na vida de Washington foi a morte de Patsy, aos 17 anos, de ataque epiléptico, em 1773.

Assim como outros agricultores de Tidewater, Washington adotou uma vida muito semelhante à da classe alta inglesa. Descendente de

ingleses, ele, tanto no comportamento quanto nas roupas, nos modos, nos passatempos preferidos, era o mais próximo de um cavalheiro rural inglês quanto seria possível para um norte-americano da época. Sua bela carruagem verde, com peças de bronze e forração de couro, fora fabricada por um fornecedor da Inglaterra, de acordo com as suas especificações. Também as suas roupas eram encomendadas na Inglaterra, e só aceitava os melhores tecidos de lã e linho ingleses, de acordo com a última moda. Usava botas inglesas, sapatos ingleses e chinelas de couro do Marrocos, tudo encomendado por ele em Londres. Até o vidro das janelas pelas quais observava os seus domínios, era vidro inglês importado.

Tendo assumido há um ano apenas o comando em Cambridge, Washington deu início a uma ambiciosa obra para ampliação de sua residência na Virgínia, Mount Vernon, que, quando terminasse, teria duplicado o seu tamanho. Acrescentou uma biblioteca e construiu um salão de jantar com dois andares, ou um *banquet hall*, próprio para o entretenimento em grande escala. Era um construtor por natureza. Sentia paixão pela arquitetura e pelo desenho paisagístico, e Mount Vernon era uma criação sua, tudo ali fora feito segundo suas idéias e planos. O quanto isso era extremamente importante para ele, e o prazer que lhe proporcionou, pouca gente jamais compreendeu.

A desordem o desagradava constantemente, e ele se preocupava muito com cada detalhe — fosse o papel de parede, a cor da tinta, os ornamentos do teto — e insistia na perfeição. Odiava ter de se afastar do projeto. Mesmo à distância de Cambridge, e com tudo o que pesava sobre sua cabeça, ele se preocupava que as coisas não estivessem caminhando como pretendia, em Mount Vernon, e então enchia páginas e páginas de instruções a seu administrador, Lund Washington.

Quero que você apresse Lanphire e Sears [os carpinteiros] sobre a peça da chaminé da sala de jantar (que deve ser executada como falei em uma das minhas últimas cartas), como também desejo que a casa esteja totalmente pronta antes do meu regresso. Gostaria que você tivesse feito a parte da cozinha próxima ao jardim, como também a parte velha da mesma, com tábuas rústicas. No entanto, como não foi assim, desejo que os ângulos sejam feitos no estilo da nossa igreja nova ... O que você fez do poço? Foi fechado? Você tem alguma notícia do pintor?

Depois apenas da paixão pela arquitetura e pelo desenho paisagístico, vinha o amor pelo teatro, o que também era uma característica dos habitantes da Virgínia. Ele assistiu a uma peça pela primeira vez com 19 anos, numa viagem que fez com seu irmão a Barbados. Esta foi a primeira e única vez em que Washington esteve além das praias norte-americanas, e o lugar aonde foi estava “seriamente assolado” pela catapora. Mais tarde, assistira com regularidade a peças de teatro, como membro da legislatura da Virgínia em Williamsburg. Durante uma visita a Annapolis, registrou ter ido “à peça” em quatro noites a cada cinco. Mais tarde, em Nova York, foi ao teatro sete vezes na semana, e assistiu à primeira produção de Hamlet.

Mas, de todas as produções teatrais que viu, foi de “Cato”, do autor inglês Joseph Addison — a peça mais popular da época —, que Washington mais gostou. Frequentemente lembrava, ou citava, determinada passagem da peça, em seu atual papel de comandante-chefe: “Não está nos mortais comandar o sucesso, mas faremos mais que isso, Sempronius, nós o mereceremos.”

Embora muitos afirmassem ser Washington o homem mais rico da América, provavelmente ele não faria parte da lista dos dez mais. Malgrado tudo, ele era muito rico, e isso em grande parte devia-se ao seu casamento com Martha Custis. A riqueza dele era em terras, eram mais de 22 mil hectares, incluindo cerca de 3.300 hectares em Mount Vernon, outros 1.600 em Dismal Swamp, na Virgínia, e quase tudo isso ele comprara como investimento. Além disso, era dono de mais de cem escravos — outra medida de avaliação das grandes riquezas — e o trabalho deles tornou possível o seu estilo de vida.

Num romance popular da época, *The Expedition of Humphrey Clinker*, de Tobias Smollett, dizia o autor que para ser um cavalheiro campestre era-se “obrigado a possuir cavalos, cachorros treinados, carruagens, um número apropriado de criados, e manter uma mesa elegante para o entretenimento dos vizinhos”. Esta poderia ser a descrição da vida que se levava em Mount Vernon, com a diferença de que ali os criados eram escravos negros.

Entre as classes altas da Virgínia, que adotaram a caça da raposa com um entusiasmo que nada deixava a desejar ao que se via nas proprie-

dades rurais da Inglaterra, Washington se sobressaía. Thomas Jefferson considerava-o “o melhor cavaleiro da sua idade”. O fato de Washington ser conhecido por caçar durante mais de sete horas seguidas, cavalgando sempre bem perto dos cães, “pulando cercas e correndo em extrema velocidade” e sempre até o final da caçada, para estar presente na hora da morte do animal, era considerado não apenas como uma medida do seu amor pela caça, e da sua excepcional resistência física, mas também de sua incomum e incansável determinação.

Segundo todas as narrativas, Billy Lee, o seu criado pessoal, cavalgava junto dele como o próprio vento, e não menos destemidamente que o seu senhor.

“Vimos uma raposa na ilha do sr. Phil Alexander e a perdemos depois de sete horas de caçada”, registrou Washington em seu diário, no final de um dia de inverno, em 1772. Mas não desistiu, como mostra um trecho do dia seguinte: “Encontramos uma raposa no mesmo lugar, novamente, que foi morta ao cabo de seis horas.”

Um autor esportivo, de época posterior, iria descrever a caça da raposa como “uma imagem da guerra sem a culpa e só com a metade do perigo”. Durante alguns anos, segundo as próprias recordações de Washington, os dias dedicados à caça da raposa totalizaram um mês. Ele manteve um relatório preciso sobre quanto tempo exatamente durou a caçada, com precisão de minutos. Repetindo, era um homem que gostava da precisão em tudo.

Contavam-se várias histórias envolvendo sua extraordinária força — como por exemplo, a pedra que lançou da margem de um riacho até em cima da famosa *Natural Bridge*, da Virgínia, com quase 70 metros de altura. O artista Charles Willson Peale, convidado a Mount Vernon em 1772, enquanto pintava o retrato de Washington, descreveu a vez em que estava em companhia de vários outros jovens, no gramado, jogando a distância uma barra de ferro, só por esporte; quando Washington apareceu, sem mesmo se incomodar em tirar o casaco, lançou a barra “muito além do máximo que tínhamos conseguido”.

A riqueza e o estilo de vida de Washington, como também o seu físico e a sua habilidade em cavalgar, tiveram muita importância para o grande

número de homens conduzidos por ele, e para muitos no Congresso. O sentimento geral era que se ele, George Washington, que possuía tanto, dispunha-se a arriscar “tudo seu”, por mais aterrorizantes que fossem as probabilidades, quem seriam eles, então, para lançar a incerteza? O fato, também, de que estava servindo sem receber pagamento era geralmente tomado como mais uma prova da autenticidade do seu compromisso.

Havia, sem dúvida, em meio às tropas e à população local, aqueles que pouco estavam se importando com os plantadores da Virgínia e seus ares altivos e todo-poderosos, ou que achavam uma incoerência incrível um dono de escravos estar comandando a causa da liberdade.

Deve-se também registrar que Washington ficou afastado da vida militar durante 15 anos, ao longo dos quais não comandou nem mesmo pequenas milícias. Sua única experiência anterior foi em lutas na província — uma espécie muito diferente de guerra — e, mais notavelmente, na campanha de Braddock, de 1755, que foi um desastre. Ele não era, de forma alguma, um comandante experiente. Jamais comandara soldados numa batalha, e jamais nada maior que um regimento. E nunca dirigira um cerco.

Washington tinha total consciência das suas limitações. No ato formal de aceitação do novo comando, em 16 de junho de 1775, da sua cadeira no Congresso, ele se dirigiu a John Hancock:

Tenho plena consciência da elevada honra que me fazem com essa nomeação mas, mesmo assim, fico muito aflito, pois sei que a minha capacidade e a minha experiência militar podem não corresponder à extensão e à importância dessa confiança. Entretanto, já que o Congresso assim deseja, darei início a esse crucial dever, e exercerei tudo em meu poder para servi-lo, e para o apoio da gloriosa Causa.

Sabia que poderia não ser bem-sucedido, e advertiu honestamente ao Congresso:

Mas, temendo que algum passo infeliz aconteça, desfavorável à minha reputação, peço a todos os cavalheiros nesta sala que se lembrem depois que eu declarei, neste dia, com toda a sinceridade, que não me considero à altura do comando com que me honram.

À sua mulher, Martha, ele escreveu que “longe de buscar aquela nomeação, empreguei todos os esforços para evitá-la, não só pela falta de vontade de separar-me de você e de minha família, mas por saber que se trata de uma confiança demasiadamente grande para a minha capacidade ... foi talvez o destino que me lançou a isso ...”

E no entanto, ele compareceu ao Congresso, vestido no seu esplêndido uniforme azul com complementos de couro, demonstrando sua clara disposição para assumir o comando. Se, no seu entender, a responsabilidade era grande demais para sua capacidade, isso era porque a idéia que tinha da vastidão dessa responsabilidade era muito real. Em troca de uma tal confiança, assumir o comando de uma tropa de fazendeiros e comerciantes voluntários, indisciplinados, pobremente armados, contra a força militar mais bem treinada e equipada sobre a face da terra — e também enfrentar tantas viagens a cavalo, conseqüentemente —, isso na verdade era muito mais do que qualquer um se sentiria capaz de enfrentar.

Porém, ele também sabia que alguém tinha de assumir o comando, e por mais impossíveis que fossem a tarefa ou os prognósticos, tinha consciência de estar mais bem preparado que qualquer outro que o Congresso pudesse ter em mente.

Inquestionavelmente o Congresso fez a escolha certa, e os motivos políticos não foram os que menos pesaram. Como cidadão da Virgínia, Washington representava a mais rica e populosa das 13 colônias. Ele próprio tinha anos de experiência política, na legislatura da Virgínia, e como membro do Congresso Continental. Foi nessa qualidade que ficou conhecido e respeitado pelos membros do Congresso, e não como general. Conhecia bem os métodos da política e o sectarismo dos políticos. Compreendia o modo como operava o sistema. Apesar de todos os adiamentos e frustrações, por mais severos que fossem os testes de paciência que teve de suportar, nas suas relações com os políticos e com o sistema, ele nunca esqueceu de que o Congresso detinha o poder máximo, e que ele, o comandante-chefe, era um servidor para os cerca de 56 delegados que, diferentemente do Parlamento, reuniam-se em segredo na distante Filadélfia.